

PARTIDOS TRADICIONAIS E PARTIDOS DE IDÉIAS NO URUGUAI: UMA CRÍTICA CONCEITUAL

André Lopes Ferreira¹ alfunesp@bol.com.br

Resumo: No presente texto busca-se discutir a validade e limites do par de conceitos *partidos tradicionais* e *partidos de idéias*, geralmente aplicado à história política uruguaia. Nesse sentido, além fazer a crítica conceitual a essa terminologia, sugere-se a utilização de conceitos alternativos a ela.

Palavras-chave: Uruguai, partidos políticos, conceitos.

Abstract: In this paper we intend to discuss the validity and limits of the pair of concepts *traditional parties* and *ideas parties*, usually applied to the political history of Uruguay. Accordingly, besides making the conceptual criticism to this terminology, we suggest the use of alternative concepts to it.

Keywords: Uruguay, political parties, concepts.

Toda vez que lidamos com uma área de investigação ou com objetos de pesquisa que já possuem uma historiografia consolidada, enfrentamos um sem número de definições, conceitos e classificações que podem se tornar verdadeiros obstáculos epistemológicos; em outras palavras, nos deparamos com idéias que já foram naturalizadas.

Gostaria, nesse sentido, de chamar a atenção para uma dicotomia muito presente na literatura especializada uruguaia e que divide as organizações políticas daquele país entre *partidos tradicionais* e *partidos de idéias*.

Antes de qualquer coisa é preciso reconhecer que todo partido comporta ou defende determinadas idéias, podendo variar, no entanto, a coerência desse corpo doutrinário e a fidelidade que seus quadros, simpatizantes e eleitores devotam a ele. Apenas por isso já me pareceria impróprio denominar apenas alguns membros do campo político uruguaio como

¹ Faculdade de Ciências e Letras de Assis, UNESP – Univ Estadual Paulista. Doutorando do Programa de Pós-graduação em História. O presente trabalho é resultado de um estágio de pesquisa realizado na Universidad de La República, Uruguai, sob a co-orientação do Prof^o José Rilla e apoiado pelo Programa de Doutorado no País com Estágio no Exterior – PDEE/CAPEs.

partidos de idéias. Depois, ao chamá-los assim, fica a impressão de que os partidos restantes, os que não são de idéias, por assim dizer, estão destituídos de qualquer horizonte ideológico.

Ora, todos os partidos têm um ideário, ainda que superficial, e estabelecer se o partido o segue ou não, ou se tal ideário é coerente constitui a tarefa do investigador. Quanto à ideologia nos partidos políticos uruguaios Aldo Solari escreve no final dos anos 80 (SOLARI, 1988, p. 65, grifo meu):

El contenido ideológico de las controversias es cada vez menos aparente o cada vez menos importante. Es sabido que no siempre fue así; los partidos tradicionales conocieron épocas en donde la división tuvo un contenido ideológico bastante claro. Lo importante es que en esas épocas la división pasó más por dentro de los partidos que entre los partidos. Por ejemplo, en la época de Batlle y Ordóñez la división tuvo un contenido bastante claro, porque sea cual fuera el juicio que uno pueda tener sobre la ideología de Batlle, parece imposible negar que una ideología tenía; parece imposible negar que la idea de nacionalizar los servicios públicos, de luchar contra el capital extranjero – en esa época el capital inglés –, de crear administraciones autónomas, la idea del Colegiado, etc., formaban un conjunto ideológico de una cierta coherencia, y por el cual Batlle y Ordóñez y su fracción lucharon constantemente.

O reconhecimento de que os *partidos tradicionais* possuíram em um ou outro momento um *conteúdo ideológico* melhor definido já inviabilizaria classificar os demais partidos do sistema, ou seja, os que poderíamos chamar de não tradicionais, como *partidos de idéias*, já que, como defendi anteriormente, penso que as *idéias* todos os partidos as têm.

No caso de Solari, por exemplo, mesmo que o autor reconheça um *conteúdo ideológico* em certo momento da história dos colorados, não ultrapassa a barreira conceitual que estou questionando e continua a se referir ao grupo como sendo um *partido tradicional*.

O adjetivo *tradicional*, aqui aplicado à política, admite um teor semântico que tende a naturalizar o objeto, nesse caso um partido político. Ademais, o termo *tradicional*, quando utilizado no meio partidário, muitas vezes remete à idéia de conservador, o que não parece adequado em se tratando do Partido Colorado, sobretudo se a fase que tivermos em mente for o primeiro terço do séc. XX, período no qual Batlle esteve a frente de uma porção significativa do partido.

Sob o comando de José Batlle y Ordóñez todo um setor do Partido Colorado iria advogar claramente um ideário reformista, em contraposição às estruturas político-culturais do séc. XIX. Nas palavras de Marcos Alves de Souza (SOUZA, 2003, p. 128):

A ideologia batllista propunha diversas reformas culturais e mudanças no comportamento da sociedade. Estas atingiam a sociedade com mais força do que as transformações na esfera da política ou da economia, uma vez que entravam em choque com a cultura tradicional e conservadora herdada do séc. XIX. Tais reformas suscitaram, pelo menos, dois importantes debates: o questionamento do anticlericalismo batllista, que trazia consigo as questões do “matrimônio livre” e da liberação da mulher; e a crítica ao cosmopolitismo batllista, o que nos leva também à questão da aproximação maior da ideologia batllista com a cultura urbana do que com a rural.

Embora Batlle não tenha colocado todo seu programa reformista em prática, já que muitos projetos não foram concretizados, é inegável o avanço político-social de seus dois governos em diversas áreas (FREGA, 2007, p. 31):

El programa de transformaciones impulsado por Batlle y Ordóñez suponía la utilización del aparato estatal para la promoción de un modelo de desarrollo urbano industrial. Partía de la idea de que siendo el Uruguay un país nuevo, sería posible superar los conflictos sociales que la implantación del capitalismo había generado en el Viejo Mundo, y promovía la universalización del acceso a servicios como la salud y la educación. El mayor impulso reformista fue desplegado en su segunda administración, especialmente entre los años 1911-1913. La importancia histórica de este proceso resulta notable, al comprobarse que aún en etapas posteriores, de claro signo conservador tal ampliación no se revirtió fundamentalmente. [...]

Justamente por seu caráter reformista o batllismo atraiu contra si uma tenaz reação de setores político-sociais conservadores do Uruguai, notadamente da União Cívica, composta pela elite católica, de segmentos do Partido Nacional e do próprio Partido Colorado. (SOUZA, 1993, p. 129-130)

De qualquer forma, o Partido Colorado, que certamente possuía frações conservadoras, mas que não representavam a totalidade de seu pessoal, continua sendo designado pela literatura especializada como um *partido tradicional*. O mesmo se passa com os blancos, que a despeito de defenderem um projeto político menos avançado também não podem ser tratados univocamente, uma vez que o Partido Nacional contou, em várias ocasiões, com setores mais progressistas, inclusive participando de alianças com os colorados.

A terminologia adotada em um trabalho de pesquisa deve cumprir um papel muito simples em seu propósito central, mas de difícil execução por seu autor; qual seja, delimitar o máximo possível os objetos estudados. Contudo, em algumas situações, tomar uma

nomenclatura já consagrada acaba naturalizando o objeto, gerando assim diferentes efeitos de conhecimento no âmbito da investigação.

O substantivo *tradição*, do qual deriva o adjetivo *tradicional*, tem sua origem etimológica no termo latino *traditionis*, cujo significado primeiro é transmissão ou a ação de dar ou entregar algo. (SARAIVA, 2000, p. 1213) Sendo o espanhol uma língua neolatina a palavra *tradición* tem a mesma raiz nesse idioma, e está analogicamente vinculada ao termo *transmición*. (CASARES, 1957, p. 536)

Segundo pensam Gerado Caetano e José Rilla (1991, p. 13), as divisas blanca e colorada, que no Uruguai pós-independente se configuraram como *bandos* armados em disputa pelo poder, *transmitiram*, ou melhor, legaram aos homens e à sociedade do séc. XX *un estilo de hacer política*. Entretanto, como assinalam os próprios autores, no caso uruguaio os “[...] **partidos políticos** en el sentido moderno del término no existen sino a partir de las primeras décadas del siglo XX. [...]”. (CAETANO; RILLA, 1991, p. 14, grifo no original)

Estamos, como já foi sublinhado, diante de um processo político que se inscreve e desenvolve na média, ou mesmo na longa duração, e evidentemente há inúmeras continuidades nesse processo. Todavia, não podemos esquecer que também existem rupturas e transformações, isto é, os *sujeitos políticos* não permaneceram imutáveis.

Ainda que reivindicuem uma ligação com o passado, e é legítimo que o façam, os partidos Colorado e Nacional não são, é claro, as mesmas facções armadas surgidas na década de 1830, pois ao longo do séc. XX atuaram em outra sociedade e fizeram outra política. Não obstante, para Luis Eduardo González, designar esses partidos como *tradicionais* se justifica pela *antigüidade* das siglas blanca e colorada na história uruguaia (GONZÁLEZ, 1999, p. 9, grifo meu):

[...] Esta antigüedad es muy notable en varios sentidos. En primer lugar, en la principal acepción del término: la excepcional longevidad de dos de sus partidos, el Partido Colorado y el Partido Nacional o Blanco (apropiadamente llamados, entonces, partidos <<tradicionales>>). En segundo lugar, por las características de la longevidad de esos partidos: no se limitaron a durar, sino que hasta hoy han sido los partidos más votados del sistema.

A idéia de tradição que cerca ambos os partidos, e da qual os mesmos não desejam se desvencilhar, cumpre, sobretudo, uma função identitária que tem como objetivo zelar pela imagem da organização e lhe dar coesão interna, mostrando tanto para seus membros como para os adversários que ela possui uma história pregressa, uma *tradição*. A reivindicação

desse passado oitocentista por blancos e colorados pode ser entendida como um investimento simbólico desses grupos em si mesmos. (POLLAK, 1992, p. 6-7)

María del Rosario Beisso e José Luis Castagnola – que por sinal também designam blancos e colorados como *partidos tradicionales* – entendem que os dois grupos estão ligados ao surgimento do Estado uruguaio por uma *épica* histórica. (1987, p. 11) Nesse quesito estou de acordo com os autores. Os partidos Colorado e Nacional são efetivamente herdeiros daqueles *bandos* que atuaram no Uruguai durante o séc. XIX; mas acredito que sob essa aparente continuidade há uma série de rupturas, pois ao mesmo tempo em que reclamam para si o legado de seus predecessores, blancos e colorados selecionam o que exatamente constituirá essa herança, operando assim o que Michael Pollak chama de *enquadramento da memória*. (POLLAK, 1992, p. 6)

Foi através de um processo lento e gradual que os *bandos* deixaram de lado as armas e elegeram as urnas como forma de dirimir seus conflitos. Para Alfredo Errandonea (ERRANONEA, 1994, p. 26, grifo meu):

Es cierto que ambas colectividades políticas arrancan en su historia en los orígenes del estado uruguayo y que su continuidad como tales constituye un raro ejemplo latinoamericano. Pero probablemente sea más difícil sostener que en toda esa trayectoria, ambos fueron “partidos políticos” en la acepción moderna del término; y más aún que en ambos casos esa continuidad implica una identidad perdurada que vaya mucha más allá de las respectivas caracterizaciones simbólicas y emocionales a través de toda su historia durante los siglos XIX y XX [...].

Alfredo Errandonea tem razão; não é possível tratar colorados e blancos como partidos políticos desde suas origens. Também concordo com o autor quando ele assinala que a continuidade entre aquelas *coletividades* e os partidos políticos do Uruguai moderno só pode ser constatada no conjunto de símbolos cultivados por cada um deles, pois não parece factível que esses partidos estejam informados pelo mesmo *fazer política* do séc. XIX, e nem poderia ser assim.

Quando tomamos esses partidos por *tradicionais* estamos estabelecendo, mesmo sem dar conta, certa linearidade em suas trajetórias, e acabamos criando um modelo interpretativo que os torna homogêneos.

A história uruguaia é profundamente marcada pela presença e atuação dos partidos políticos; partidos que estiveram estreitamente ligados ao Estado e à sociedade, e que, portanto, se desenvolveram juntamente com ela. Ora, se os partidos Blanco e Colorado não

estiveram isolados do contexto nacional e internacional, mas integrados a ele – principalmente após a modernização do sistema político a partir de 1910 –, é de se supor que se transformaram ao longo do tempo, sofrendo impactos de diversas naturezas e passando por inflexões internas. Por isso mesmo não se justifica caracterizá-los como *partidos tradicionais*, a não ser pelo fato de que ambos surgiram imediatamente após a independência do país e são os mais antigos no exercício da política.

Pierre Bourdieu nos lembra que a *palavra* é o meio através do qual o cientista social fala e pensa o mundo. O autor é taxativo ao comentar os problemas decorrentes da adoção de objetos de pesquisa já dados como naturais e legitimamente aceitos. Cito um trecho seu para explicar melhor minha preocupação com a linguagem, isto é, a terminologia adotada para me referir aos partidos políticos uruguaios (BOURDIEU, 2002, p. 39):

[...] A linguagem levanta um problema particularmente dramático para o sociólogo: ela é, com efeito, um enorme depósito de pré-construções naturalizadas, portanto, ignoradas como tal, que funcionam como instrumentos inconscientes de construção. [...]

Apoiando-me no raciocínio de Bourdieu acredito que a díade *partidos tradicionais / partidos de idéias* se trata efetivamente de uma pré-construção conceitual, uma noção que naturaliza os partidos dividindo-os em dois grupos e homogeneizando-os dentro desses grupos com seus congêneres. Ao aceitar essa classificação supomos que o Partido Nacional bem como o Partido Colorado são semelhantes porque *tradicionais*, e reitero que o adjetivo *tradicional*, do ponto de vista heurístico, não explica satisfatoriamente o que são esses partidos. Assim como os comunistas, socialistas e democrata-cristãos, por não serem *tradicionais*, ou por terem *idéias*, compõem o outro grupo.

Essa terminologia situa o par *tradicionais / de idéias* como termos antitéticos, e que, portanto, se excluem mutuamente, quando na verdade, ao passamos da linguagem que pretende explicar esses partidos à realidade concreta de suas trajetórias, notamos que, por exemplo, o ideário batllista está mais próximo de certas concepções políticas dos *partidos de idéias* do que das posições do Partido Nacional, que teoricamente deveria compor junto com os colorados um subsistema de afinidades.

Ciente de que quaisquer conceitos padecem de limitações em sua função heurística, isto é, que nunca darão conta da totalidade/complexidade dos objetos que dão a conhecer, adotei como alternativa em meu trabalho a terminologia *partidos majoritários / partidos minoritários*. Tão pouco esses conceitos apreendem por completo as práticas dos partidos

políticos aqui estudados; são, na verdade, reflexos de um critério mais numérico que político, já que pode haver, por exemplo, partidos majoritários ou minoritários de extrema esquerda, direita e assim por diante. Esses termos se referem apenas à força eleitoral dessas organizações políticas, quer dizer, não são substancialistas, pois não pretendem revelar os postulados político-ideológicos de blancos, colorados, comunistas etc.

BORDIEU, P. *O poder simbólico*. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

CAETANO, G; RILLA, J. El sistema de partidos: raíces y permanencias. In: CAETANO, G; RILLA, J. et. al. *De la tradición a la crisis. Pasado y presente de nuestro sistema de partidos*. Montevideo: CLAEH; EBO, 1991, p. 9-39.

CASARES, J. *Diccionario ideológico de la lengua española*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili S.A., 1957, p. 536.

ERRANDONEA, A. *El sistema político uruguayo. Análisis de 78 años del sistema político uruguayo*. Montevideo: Ediciones La República, 1994.

FREGA, A. La formación de un modelo. 1890-1918. In: FREGA, A. et. al. *Historia del Uruguay en el siglo XX (1890-2005)*. Montevideo: EBO, 2007, p. 17-50.

GONZÁLEZ, L. E. Los partidos establecidos y sus desafiantes. In: GONZÁLEZ, L. E. et. al. *Los partidos políticos uruguayos en tiempo de cambio*. Montevideo: FCU, 1999, p. 9-18.

POLLAK, M. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

ROSARIO BEISSO, M; CASTAGNOLA, J. L. Identidades sociales y cultura política en Uruguay. Discusión de una hipótesis. *Cuadernos del CLAEH*, Montevideo, n. 44, 1987-4, p. 9-18.

SARAIVA, F. R. S. *Novíssimo dicionário latino-português*. 11ª ed. Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Livraria Garnier, 2000, p. 1213.

SOLARI, A. *Uruguay. Partidos políticos y sistema electoral*. Montevideo: El libro libre; FUCCYT, 1988.

SOUZA, M. A. *A cultura política do "batllismo" no Uruguai (1903-1958)*. São Paulo: Annablume; FAPESP, 2003.